



A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E SUA INFLUÊNCIA NA APRENDIZAGEM: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO NO CENTRO DE INTEGRAÇÃO FAMILIAR (CEIFAR)

Carla Gomes Sales da Silva^{25*}

RESUMO

Este trabalho aborda a maneira como a violência doméstica interfere no processo de aprendizagem dos alunos vítimas dela. Demonstra como a violência doméstica interfere na vida do sujeito, sobretudo no âmbito escolar. É um estudo de caráter exploratório em uma organização não governamental. Para tanto, a fim de subsidiar o estudo, foi feito um levantamento da literatura a respeito do conceito de violência e violência doméstica, abrangendo os aspectos relevantes aos objetivos do trabalho. Em seguida, um estudo exploratório na referida instituição, por meio de entrevistas individuais realizadas com as professoras, nas quais elas puderam explicitar suas percepções a respeito do tema, e, ainda, observações direcionadas a esses educadores e alunos, a fim de analisar o comportamento de ambos, assim como verificar que ações são adotadas pela instituição no enfrentamento a esse fenômeno. Verificou-se que as crianças e adolescentes expostos à violência doméstica apresentam baixo rendimento escolar, além de agressividade excessiva ou apatia, e que o conhecimento das professoras a respeito do assunto facilita a constatação e o enfrentamento à violência doméstica. Por fim, ficou demonstrado que o comportamento agressivo dos alunos não espanta os profissionais, o que indica uma mudança na forma como essas crianças e adolescentes são vistos, não mais como violentos e rebeldes, mas sim como vítimas de uma sociedade que os violenta a cada momento por meio da negação dos seus direitos mais básicos.

Palavras-chave: Violência doméstica. Aprendizagem. Crianças.

Introdução

A violência doméstica contra crianças e adolescentes é um fenômeno cada vez mais crescente, marcado pela incapacidade que eles têm para se defender. Essa modalidade de violência envolve abusos físicos e psicológicos, abandono, exploração, deixando marcas não só no corpo da

25 * Graduada em Pedagogia com habilitação em Educação Infantil pela Universidade do Estado da Bahia. (UNEB). cg.educ@hotmail.



sua vítima, mas outras tantas que irão refletir em suas relações sociais e cognitivas. Tanto aquelas pessoas que sofrem violência intrafamiliar quanto as que presenciam esses abusos podem apresentar graves problemas emocionais, comportamentais e cognitivos, o que pode prejudicar sobremaneira a sua capacidade de socializar-se, de aprender e desenvolver relacionamentos positivos.

Por ser a escola o local em que permanece por mais tempo – após o seio familiar –, é nela que a criança reproduzirá o que vivencia em casa. Dessa forma, a violência sofrida no lar reverbera nesse ambiente a cada dia, pois são cada vez mais recorrentes os casos de crianças que sofrem abusos por parte daqueles que mais deveriam prezar pela sua segurança: os pais, o que torna o ato ainda mais devastador para a vida do indivíduo.

Nesse cenário, o Centro de Integração Familiar (CEIFAR), que oferece Educação Infantil, além de acompanhamento pedagógico e oficinas para jovens, constitui-se em um espaço em que se pode perceber várias *nuances* da violência intrafamiliar, pois ao atender especificamente famílias que, em sua maioria, estão expostas a diversas situações de violência, convive-se intensamente com essa realidade.

Considerando a influência que a violência doméstica pode ter no processo de ensino-aprendizagem é que esta pesquisa traz como cerne a seguinte questão: em que medida a violência doméstica influencia o processo de ensino-aprendizagem no Centro de Integração Familiar (CEIFAR)? Assim, para subsidiar o estudo será abordado o conceito de violência doméstica, suas consequências na vida do indivíduo e sua influência no âmbito educacional.

Neste contexto, esta pesquisa objetiva identificar a forma como a violência doméstica reflete no contexto educacional do CEIFAR, mais especificamente na aprendizagem. Este estudo é relevante na medida em que se propõe a pesquisar a realidade de uma escola inserida em um bairro marcado por todo tipo de violência, e que tem como clientela crianças que sofrem maus tratos no seio familiar – variando a intensidade, motivos e a frequência em que isso ocorre – e também fora de casa.

Sendo a violência doméstica um problema social que abate diversos lares em todo o mundo, torna-se urgente uma reflexão a respeito do tema, além da produção de novos conhecimentos que subsidiem ações mais efetivas no combate à violência doméstica, apoiando-se nas instituições educacionais.

Caminhos metodológicos utilizados

Atentando para a natureza do objeto investigado, esta pesquisa é de caráter qualitativo, pois apresenta características essenciais ao tema investigado, que exige uma atenção mais direcionada aos sujeitos envolvidos. Buscando atingir o objetivo principal desta pesquisa, que é identificar como





a violência doméstica interfere no contexto educacional do CEIFAR, o estudo tem caráter exploratório, o que permite ao pesquisador o conhecimento da realidade pesquisada, abrindo perspectivas “para a realização de uma pesquisa futura mais precisa”. (LAKATOS; MARCONI, 2001, p. 188)

A pesquisa foi realizada nos meses de novembro e dezembro de 2009, tendo como espaço empírico o Centro de Integração Familiar (CEIFAR), entidade civil sem fins lucrativos localizada em Tancredo Neves, bairro populoso da periferia de Salvador. Os informantes da pesquisa foram cinco professores. Para a coleta de dados foram necessários pelo menos dois tipos de estratégias: a observação e a entrevista.

Após o trabalho de coleta de dados, as entrevistas foram transcritas, e as informações organizadas e categorizadas, identificando-se as que foram mais relevantes para o estudo, analisadas por meio de repetidas leituras para confrontar com os princípios teóricos que nortearam a pesquisa.

A violência doméstica contra crianças e adolescentes

Atualmente, a violência contra crianças e adolescentes tem chamado a atenção de autoridades e instituições da área da saúde, da família e da criança e do adolescente por ser “uma das mais corriqueiras formas de violação dos direitos da população, formada por crianças e adolescentes” (NEPOMUCENO, 2002, p. 170), sobretudo porque, por diversos motivos, pode permanecer na obscuridade.

Quanto ao conceito de violência doméstica, é de difícil definição em razão de sua natureza complexa. Azevedo e Guerra (1989, p. 33), após muitas pesquisas e estudos acerca do tema, desenvolveram a seguinte definição de violência doméstica contra crianças e adolescentes:

Todo ato ou omissão praticado por pais, parentes ou responsáveis contra crianças e/ou adolescentes que – sendo capaz de causar dano físico, sexual e/ou psicológico à vítima – implica, de um lado, uma transgressão do poder/dever de proteção do adulto e, de outro, uma coisificação da infância, isto é, uma negação do direito que crianças e adolescentes têm de serem tratados como sujeitos e pessoas em condição peculiar de desenvolvimento.

Dessa forma, fica evidenciado que a violência doméstica contra crianças e adolescentes não é caracterizada apenas por abusos físicos, mas também sexual e psicológico, trabalho infantil e negligência física e emocional. Embora os possíveis agressores possam ser muitos, os maus tratos contra a criança são praticados na maioria dos casos por aqueles que mais deveriam prezar pela sua segurança: os pais.



A violência doméstica deixa muitas marcas em suas vítimas, no entanto nem sempre essas marcas são visíveis ao primeiro olhar. A criança e o adolescente que sofrem a violência doméstica deixam transparecer alguns sinais que servem de alerta, tais como:

- Desconfiança exagerada, medo e choro excessivos;
- Mudanças abruptas e freqüentes de humor;
- Comportamento agressivo, destrutivo, ou passivo, submisso;
- Problemas de relacionamento com colegas;
- Tentativa de suicídio, depressão, pesadelos, sono perturbado;
- Mau desempenho escolar e dificuldades de aprendizagem não atribuída a problemas físicos. (AZEVEDO; GUERRA, 2000, p. 5).

Contudo, as consequências da violência doméstica variam conforme a personalidade de cada um, a idade, o tipo de relação entre agressor e agredido, a duração e a frequência da agressão e o tipo e gravidade do ato, além do apoio e tratamento que as vítimas recebem. Enquanto umas internalizam sentimentos de medo, introspecção, apatia, isolamento, outras podem externalizar esses conflitos na relação com os demais, repetindo o que vivenciam (O PERIGO..., 2008, p. 41).

Violência doméstica e sua interferência no processo de aprendizagem

Para entender como a violência doméstica interfere no processo de aprendizagem é necessário verificar qual o seu conceito e como se dá esse processo. José e Coelho²⁶ (2006, p. 11), ambas psicopedagogas, nos falam que a aprendizagem

é o resultado da estimulação do ambiente sobre o indivíduo já maturo, que se expressa, diante de uma situação-problema, sob a forma de uma mudança de comportamento em função da experiência, [...] abrange os hábitos que formamos, os aspectos de nossa vida afetiva e a assimilação de valores culturais. Enfim, a aprendizagem se refere a aspectos funcionais e resulta de toda estimulação ambiental recebida pelo indivíduo no decorrer da vida.

26 Elisabete da Assunção José é psicóloga clínica, psicopedagoga, coordenadora pedagógica e professora de Magistério; Maria Teresa Coelho também é psicopedagoga, coordenadora pedagógica e professora de Magistério, além de pedagoga.



Ainda segundo José e Coelho (2006, p. 11), o processo de aprendizagem sofre várias influências: “intelectual, psicomotor, físico, social – mas é do fator emocional que depende grande parte da educação”. Assim sendo, a maneira como a criança é tratada, se é rejeitada ou não, “a maneira pela qual ela se vê, [...] se sente, irão influir e muito em tudo que ela faz e, basicamente, em sua capacidade de aprendizagem” (POPPOVIC, 1980, p. 17). Nesse sentido, a criança que é constantemente agredida, humilhada, desprezada, acaba por internalizar esse tratamento, enxergando-se como merecedora de tudo isso, e conseqüentemente terá uma baixa autoestima, insegurança e sentimento de incapacidade para aprender.

De acordo com Mahoney e Almeida (2005, p. 26), “quando não são satisfeitas as necessidades afetivas, estas resultam em barreiras para o processo ensino-aprendizagem, e, portanto para o desenvolvimento [...] do aluno”. Dessa forma, a criança que sofre a violência doméstica tem a sua capacidade de aprendizagem prejudicada, tendo em vista que esses atos, de forma geral, são uma negação de afeto.

Nessas condições, a criança tem todo o seu desenvolvimento comprometido, pois a afetividade e o cognitivo se encontram em um mesmo plano (GALVÃO, 1995), o que significa que todo e qualquer problema emocional irá refletir na sua aprendizagem. De acordo com Weiss (2004, p. 23 apud ROSAS; CIONEK, 2006, p. 11)

aspectos emocionais estariam ligados ao desenvolvimento afetivo e sua relação com a construção do conhecimento é a expressão deste através da produção escolar [...] o não aprender pode, por exemplo, expressar uma dificuldade na relação da criança com sua família; será o sintoma de que algo vai mal nessa dinâmica.

Neste sentido, Piaget (1978 apud VEIGA; SILVA; SILVA, 2009, p. 1) nos fala que “a inteligência pode desenvolver-se aquém ou além do seu potencial, dependendo do conjunto de influências e estimulações ambientais, que alterem os padrões de comportamento do indivíduo”. Com base nessa afirmação, entende-se que as agressões sofridas pela criança e adolescente comprometem não só o seu desenvolvimento físico, mas também motor, social e cognitivo, o que pode levar a problemas de aprendizagem.

De acordo com Bee (2003, p. 153), a criança que sofre abusos físicos pode desenvolver diversos problemas, como depressão, ansiedade ou ainda problemas emocionais mais sérios, além de apresentar “QI mais baixo e pior desempenho escolar”. É importante salientar, porém, que “a criança é um todo e, quando apresenta dificuldades de aprendizagem, precisa ser avaliada em seus



vários aspectos”. (JOSÉ; COELHO, 2006, p. 24)

O reflexo da violência doméstica no contexto educacional do CEIFAR

Durante as observações foi possível perceber que os conflitos são uma constante dentro e fora da sala de aula, até mesmo em momentos de descontração. As brincadeiras giram em torno da violência, nos seus atos ou palavras. A relação entre os alunos é permeada pela intolerância em alguns momentos, e até o contato com o professor é afetado. Assim, percebe-se que a agressividade, um dos sinais de alerta que pode indicar uma exposição à violência doméstica, é apontada como um dos comportamentos mais recorrentes entre alunos que vivem essa realidade, sendo uma das formas de responderem às agressões de que são vítimas, de acordo com os professores. Contudo, é importante salientar que nem todas as crianças com comportamento agressivo estão necessariamente expostas à violência doméstica.

A passividade, a indiferença e o desânimo também são apontados como características comuns aos alunos que convivem com a violência doméstica. Nesse sentido, as professoras trazem que as mudanças de comportamento em sala de aula servem de alerta para o que pode estar acontecendo com o aluno.

Prejuízos provocados pela violência doméstica na vida escolar dos alunos

Como já vimos neste estudo, as crianças e adolescentes vítimas da violência doméstica apresentam algumas dificuldades, refletindo, assim, na sua aprendizagem. Dessa forma, vamos analisar as respostas dos professores quanto ao reflexo da violência doméstica no processo de aprendizagem, foco principal desta pesquisa.

Tabela 1 – Principais comportamentos apresentados pelas crianças vítimas da Violência Doméstica e que dificultam o processo ensino-aprendizagem em cinco turmas do CEIFAR – nov-dez 2009

Características	Professores	Turmas	Nº de respostas	Porcentagem
Dificuldade de concentração	A, B	G3, G4	2	40%
Agitação	A, C	G3 e A.P. I	2	40%
Agressividade	A, B, C, D, E	G3, G4, A.P. I, A.P. II e 1º ano	5	100%



Tabela 1 – Principais comportamentos apresentados pelas crianças vítimas da Violência Doméstica e que dificultam o processo ensino-aprendizagem em cinco turmas do CEIFAR – nov-dez 2009

Características	Professores	Turmas	Nº de respostas	Porcentagem
Isolamento	A, B, C, D	G3, G4, A.P. I e A.P. II	4	80%
Expressão oral pouco desenvolvida	A, B, D	G3, G4 e A.P. II	3	60%
Medo excessivo	A, B	G3 e G4	2	40%
Choro	A, B	G3 e G4	2	40%
Afetividade comprometida	A, B, C	G3, G4 e A.P. I	3	60%
Desinteresse pela aprendizagem/ Baixo rendimento	A, B, C, D, E	G4, A.P. I, A.P. II e 1º ano	4	80%
Fuga da realidade	A	G3	1	20%
Sinais de depressão	E	1º ano	1	20%

Fonte: Elaborada pela autora deste trabalho.
(1): Acompanhamento Pedagógico.

Observando as características contidas na Tabela 1, destacamos:

- Agressividade, isolamento e desinteresse pela aprendizagem – percebe-se que 100% dos professores entrevistados trazem a agressividade como uma característica presente no comportamento dos seus alunos;
- Isolamento e do desinteresse pela aprendizagem, apontados por 80% dos entrevistados. Esses fatores dificultam o processo de ensino-aprendizagem, não só daqueles que vivem a violência doméstica diária, mas de toda a turma, pois esses alunos não se concentram no que está sendo exposto pelo professor e nas propostas de atividades, desconcentrando também os outros alunos.
- Expressão oral – a dificuldade de expressão oral é citada por 60% dos professores, pois as falas das professoras evidenciam que a criança fica com a comunicação comprometida, não consegue emitir opinião elaborada ou expressar-se de forma clara e concisa. Durante as observações, presenciou-se crianças que não respondiam ao que a professora perguntava, demonstrando



nervosismo e feições de choro quando ela insistia.

Tanto o isolamento quanto as dificuldades de comunicação prejudicam o processo de aprendizagem do aluno, tendo em vista que esta é promovida por meio da interação. Mesmo que o ambiente escolar promova, diariamente, atividades com base em diferentes temas, contextos e interlocutores, o ambiente familiar desses alunos não estimula a comunicação verbal saudável.

- Afetividade – quesito citado por 60% dos entrevistados, refere-se à afetividade dos alunos. O estabelecimento de vínculos afetivos nas crianças que sofrem a violência doméstica é comprometido, visto que é na família que elas descobrem o afeto. Dessa forma, um ambiente familiar baseado na hostilidade desencadeia na criança problemas no desenvolvimento da sua afetividade, na demonstração desse sentimento. O afetivo e o cognitivo são interligados, e uma desestruturação daquele vai interferir diretamente nesse.

Por meio desses dados fica evidenciado que os problemas familiares podem desencadear problemas na criança ou adolescente, entre eles a baixa autoestima e a negação das suas capacidades. O medo excessivo (medo de falar, medo do outro) e o choro também se mostraram presentes em 40% dos relatos, sobretudo nas turmas do G3 e G4.

Neste sentido, compreendemos que a aprendizagem da criança vítima da violência doméstica pode ser comprometida, pois a criança internaliza o tratamento que recebe, acreditando ser merecedora dos maus tratos, o que se traduz nesse medo de fazer a atividade, de tentar; na crença de que não é capaz, a criança acaba por internalizar que não conseguirá aprender.

De acordo com as professoras pesquisadas, a agitação das crianças, citada por 40% dos entrevistados, é outro quesito que interfere no processo ensino-aprendizagem, pois desencadeia uma desconcentração para as atividades, problema também citado por 40% dos professores participantes. A intranquilidade vivenciada em casa é estendida à escola, tornando-se comum ao comportamento deles.

Os professores pesquisados citam ainda a fuga da realidade (20%) e sinais de depressão (20%) como características apresentadas por crianças expostas à violência doméstica, e que prejudicam o seu desenvolvimento.

As falas dos profissionais deixam transparecer que é difícil trabalhar esses traumas nas crianças; mesmo que elas alcancem um melhor desenvolvimento nos campos afetivo, cognitivo, psicomotor e físico, as marcas da violência ficam guardadas para sempre.

No que se refere às consequências da violência doméstica na aprendizagem do sujeito,



na análise dos dados constata-se que, embora já se saiba que a violência doméstica traz muitas consequências para a vida da criança, o que reflete na sua capacidade de aprendizagem, sobretudo na atenção e no discernimento para avaliar o que serve e o que não serve para ele, o trabalho em sala de aula procura focar nas possibilidades de crescimento das crianças. Ainda que os professores não esqueçam que existem as possibilidades negativas, eles têm em mente que elas não são as únicas, tratando a situação com cautela.

Considerações finais

Esta pesquisa não pretende apresentar resultados conclusivos, mas contribuir para uma reflexão acerca da influência da violência doméstica na aprendizagem, possibilitando discussões sobre o tema, que ainda carece de estudos. Nela constatou-se que a violência doméstica tem uma influência significativa no processo de aprendizagem dos alunos do CEIFAR, isso porque as suas consequências geram uma série de transtornos na vida da criança. A agressividade, característica atribuída a essas crianças pelos professores informantes, é um deles, assim como o isolamento. Nesse caso, a criança não interage com os seus pares, atrasando o seu desenvolvimento social e cognitivo. A agitação constante, o desinteresse e a falta de concentração são apenas mais alguns obstáculos que alunos e professores tentam superar em meio ao processo de ensino-aprendizagem, que por si só já é um desafio, tendo em vista as condições precárias do sistema educacional brasileiro.

Esta pesquisa nos adverte para o fato de que a violência, de forma geral, faz parte da realidade dessas crianças, seja por meio da televisão ou no seio familiar, em que as violências física e psicológica são as mais frequentes, geralmente atreladas às questões disciplinadoras e educativas. Dessa forma, essas ações não são vistas como violência por esses pais, mas sim como uma forma de educar os filhos, sendo esta a educação que tiveram.

Embora a ação do professor seja no intuito de ajudar os seus alunos a superar as consequências decorrentes da violência doméstica, ele não está preparado para lidar com a complexidade da situação. Percebemos que há um esforço, individual e coletivo, para ajudá-los em sua formação pessoal e intelectual, mas é preciso que se articulem ações das áreas da Educação, Justiça e Saúde na elaboração de propostas de intervenções que atuem nas causas dessa violência, e não apenas nas consequências, fortalecendo, assim, a capacidade de todos na prevenção e combate a qualquer forma de abuso contra a infância e a adolescência.

Este estudo apontou que as crianças consideradas agressivas não mais causam espanto aos professores. Se antes esses alunos eram considerados rebeldes e violentos, hoje eles são reconhecidos como vítimas e reflexo da nossa sociedade, sujeitos capazes de protagonizar outras



histórias. É importante salientar, porém, que não devemos nos acomodar diante dessa constatação, mas sim atentarmos para o tratamento que estamos dispensando às nossas crianças e adolescentes, submetidos a situações diversas e adversas. Situações essas que não deveriam apenas nos emocionar, mas, sobretudo, fazer-nos refletir sobre nossos compromissos enquanto educadores.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Maria Amélia; GUERRA, Viviane Nogueira. **Crianças vitimizadas: a síndrome do pequeno poder**. São Paulo: Iglu, 1989.

_____. **Violência psicológica doméstica: vozes da juventude**. São Paulo: Laboratório de Estudos da Criança (Lacri)/ PSA/IPUSP, 2001.

_____. **Os novos pequenos mártires: infância e violência doméstica**. São Paulo: laboratório de estudos da criança/USP, 2000. Disponível em: <http://www.ip.usp.br/laboratorios/lacre/ViJornal.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2009.

BEE, Helen. **A criança em desenvolvimento**. 9. ed. Porto Alegre: Artmed, 2003.

GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

JOSÉ, Elisabete da Assunção; COELHO, Maria Teresa. **Problemas de aprendizagem**. 12.ed. São Paulo: Ática, 2006.

LAKATOS, Eva Maria. MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MAHONEY, Abigail Alvarenga; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. Afetividade e processo ensino-aprendizagem: contribuições de Henri Wallon. **Psicologia da Educação**, São Paulo, n. 20, p. 11-30, jun. 2005. Disponível em: <<http://www.pepsic.bvs-psi.org.brt>>. Acesso em: 08 mar. 2009.

NEPOMUCENO, Valéria. O mau-trato infantil e o Estatuto da Criança e do Adolescente: os caminhos da prevenção, da proteção e da responsabilização. In: SILVA, Lygia Maria Pereira. **Violência**



doméstica contra crianças e adolescentes. Recife: EDUPE, 2002. p. 139-180.

O PERIGO mora em casa. **Revista Psique Ciência & Vida.** São Paulo, v. 3, p. 52-61, 2008.

POPPOVIC, Ana Maria (Coord.). **Pensamento e Linguagem:** programa de aperfeiçoamento para professores da 1ª série. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1980.

ROSAS, Fabiane Klazura; CIONEK, Maria Inês. O impacto da violência doméstica contra crianças e adolescentes na vida e na aprendizagem. **Conhecimento Interativo,** São José dos Pinhais, PR, v. 2, n. 1, p. 10-15, jan./jun. 2006.

VEIGA, Daphne Lúcia da; SILVA, Márcia Aparecida da; SILVA, Priscila Andrezza da. A influência da violência doméstica no processo de aprendizagem do aluno: estudo de caso – Projeto Aquarela.

In: **Encontro Latino-Americano de Iniciação Científica (INIC), 13., 2009,** São José dos Campos, SP, **Anais eletrônicos...** São José dos Campos, SP: UNIVAP, 2009. Disponível em: <http://www.inicepg.univap.br/cd/INIC_2009/anais/trabalhos_humanas.html>. Acesso em: 28 out. 2009.

